

## Nietzsche: uma crítica ao Cristianismo

---

JAMES FÁBIO DE NOVAES

*Graduando do 6º período do curso de História, do Centro Universitário de Patos de Minas,  
sob orientação do Prof. Carlos Roberto da Silva.*

*"Deus está morto! Deus permanece morto! E quem o matou fomos nós! Como haveremos de nos consolar, nós os algozes dos algozes? O que o mundo possuiu, até agora, de mais sagrado e mais poderoso sucumbiu exangue aos golpes das nossas lâminas".*

Nietzsche

*"O homem procura um princípio em nome do qual possa desprezar o homem. Inventa outro mundo para poder caluniar e sujar este; de fato só capta o nada e faz desse nada um Deus, uma verdade, chamados a julgar e condenar esta existência".*

Nietzsche

**Resumo:** O artigo ora proposto busca explicitar, de maneira reflexiva, o confronto das ideias do filósofo alemão Friedrich Wilhelm Nietzsche frente aos conceitos estabelecidos pelo Cristianismo. Compreender a filosofia nietzschiana, promover um debate sobre o Cristianismo, analisando regras morais impostas por esse sistema e empreender uma análise comparativa entre algumas obras de Nietzsche e o Cristianismo constituem os principais objetivos apresentados pelo trabalho em questão. Para a consecução dos referidos objetivos, será desenvolvida uma pesquisa de caráter bibliográfico, na qual serão lidas e analisadas algumas obras de Nietzsche e, posteriormente, discutidas algumas concepções do autor.

**Palavras-chave:** Nietzsche; Cristianismo; Bíblia.

**Abstract:** This paper aims at reflexively clarifying the confrontation of the ideas of the German philosopher Friedrich Wilhelm Nietzsche in relation to the concepts established by Christianity. To understand the Nietzschean philosophy, to promote a debate on Christianity, analyzing moral rules imposed by this system, and to undertake a comparative analysis between Nietzsche's work and Christianity constitute the main objectives presented by this work. For this, we will develop a bibliographic research in which we will read and analyze some works by Nietzsche, and then, discuss some conceptions proposed by the author.

**Keywords:** Nietzsche; Christianity; Bible.

## 1. Considerações iniciais

O presente artigo, intitulado “Nietzsche: uma crítica ao Cristianismo” busca discutir a(s) intenção(ões) do referido filósofo ao escrever obras como *O Anticristo* e *A Genealogia\* da Moral* e sua correlação e crítica com o Cristianismo. Tais concepções serão confrontadas, ao longo do trabalho, com passagens bíblicas. A pesquisa ora proposta busca ainda compreender um pouco mais sobre a filosofia nietzschiana, bem como o seu pensamento moderno.

Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900) nasceu em Rocken, localidade próxima de Leipzig, na Prússia, no dia 15 de outubro. O pai, Karl Ludwig, era pastor protestante e a mãe, Franziska Oehler, também vinha de uma família de pastores. Nos anos seguintes, o casal teve dois filhos: Elizabeth e Joseph. Em 1849, Karl Ludwig, em consequência de uma queda, passou a sofrer convulsões e perdas de memórias e, vítima de cegueira e paralisia progressiva, veio a falecer. Poucos meses depois, morreu o pequeno Joseph. A viúva Franziska viu-se, então, obrigada a mudar com os filhos para Naumburgo.

Nietzsche foi um grande pensador do século XIX, época em que publicou algumas obras como *A Genealogia da Moral*, *Ecce Homo*, *O Anticristo*, dentre outras. Apesar de toda formação protestante, Nietzsche volta-se contra essa, tornando-se um crítico voraz da doutrina cristã. Fruto das ricas diversidades proporcionadas pelo século XIX, o autor traz à tona algumas rupturas com a filosofia cristã. A angústia e a perspicácia fazem desse filósofo um verdadeiro expoente da filosofia moderna, na qual a metafísica perde o seu poder de solucionadora de problemas, cedendo espaço para a crença em uma vida terráquea que insere o homem como protagonista de sua história, e não somente como um mero ser reprodutor das vontades divinas.

Na obra *A Genealogia da Moral*, Nietzsche vai discutir, como o próprio título diz, a origem dos sentimentos morais criados e cultivados há praticamente dois mil anos. Nesse livro, não é mencionado absolutamente nada transcendental. Nenhum poder divino revela-se ao homem, segundo o autor. No entanto, a grande preocupação de Nietzsche nessa obra é uma profunda investigação de como surgiu, entre os povos, o juízo do bem e do mal. O autor ainda faz uma análise trazendo à tona algumas indagações divididas em duas etapas. A primeira parte mostra-nos uma dupla origem para nossos juízos de valores, resultante da forma de avaliar a vida a partir dos senhores e da moral dos escravos. Os senhores explicitam a moral elaborada a partir de si mesma. Segundo Nietzsche, a concepção dos senhores resume-se em: eu sou bom, eu sou belo e forte. Nessa perspectiva, também é criado o conceito para designar tudo aquilo que é baixo e vulgar. Na segunda parte, a “Moral dos Escravos” é considerada um ressentimento, ou seja, algo criado contra o que vem de fora, trazendo consigo um pensamento de repulsa, posicionando-se de maneira algoz em relação aos senhores.

---

\* *Genealogia* significa, para Nietzsche, uma disciplina nova, reconhecida como crítica, que abrange, de forma histórica, a questão do conhecimento em uma perspectiva teórica e prática. Para proceder à história genealógica, analisam-se os documentos sob a ótica da questão da busca da origem das ideias e dos sentimentos.

No livro *O Anticristo*, o autor explicita, de forma objetiva, sua proposta. Nessa obra, o autor evidencia toda uma postura radical, isto é, seu principal foco é a subversão dos valores morais gestados pelo Cristianismo. O autor também nos mostra que a crítica feita vai além do Cristianismo. Na verdade, trata-se de um posicionamento ímpar no qual o filósofo via nas religiões, como um todo, um grande obstáculo para suas propostas, ou seja, uma forma de provocar uma espécie de transmutação, pois, a partir disso, a moral se posicionaria de forma transitória, ou seja, inerente ao seu tempo.

Segundo a filósofa Scarlet Marton (1993, p. 10),

Nietzsche foi um homem póstumo. A filosofia do passado não se constrói de maneira autônoma e independente, não se acha isolada em sua soberania. Ao contrário, ela surge em um tempo e em um espaço determinados, está inserida em um contexto preciso. Se ele afirma: "É somente o depois de amanhã que me pertence! Alguns nascem póstumos" é porque dirigem ao mundo em que vive uma crítica radical.

Sob esta dissidência, torna-se indispensável um raciocínio dentro da lógica de que Nietzsche escreve para um público além de seu tempo. Suas ideias e colocações não podem ser compreendidas à luz de biografias que o mostram de forma inerente à sua geração e, conseqüentemente, ao seu tempo. O pensador citado traz ao século XX ideias renovadoras e contraditórias que reconstróem o pensamento moderno, evidenciando, mesmo de forma incoerente, sua obsessão pela gênese, ou seja, pela fundamentação teórica da moral que transcorreu séculos de forma intacta e irrevogável.

A importância do pensamento de Nietzsche para a filosofia do século XX influenciou todo o cenário filosófico arquitetado até então. Movido por um sentimento racionalista, o autor traz consigo ideias polêmicas e renovadoras, responsabilizando o Cristianismo pela barbárie adquirida pela espécie humana.

Dessa forma, esta pesquisa surgiu com o intuito de conhecermos um pouco melhor o pensamento nietzschiano. Tecer reflexões acerca das concepções de Nietzsche e sua relação e crítica com o Cristianismo, tentando compreendê-los na perspectiva do pensamento pré-socrático, promover um debate sobre o Cristianismo, analisando regras morais impostas por esse sistema, empreender uma análise comparativa entre algumas obras de Nietzsche e o Cristianismo são os objetivos principais do presente estudo, além de tentar compreender a importância e a influência da filosofia nietzschiana para o século XX.

A temática proposta é relevante também pelo fato de estabelecer discussões acerca de valores religiosos e morais que permeiam a humanidade há aproximadamente 2000 anos. A genealogia é o ponto crucial para o entendimento das propostas de Nietzsche, pois as origens da moral e de alguns valores religiosos permearão toda a filosofia nietzschiana, trazendo à tona uma profunda análise das mesmas, exaurindo do pensamento pré-socrático as explicações cosmológicas ofuscadas pela filosofia socrático-platônica.

Assim, o presente artigo justifica-se não somente por estudar as concepções de Nietzsche, mas também por empreender uma análise comparativa útil para nossa pró-

pria formação acadêmica, analisando a inter-relação entre os discursos filosófico e bíblico.

Para a realização das referidas análises, será desenvolvida uma pesquisa de caráter bibliográfico, incitada a partir da leitura de fragmentos bíblicos e de algumas obras de Nietzsche, com o intuito de explicitar, de forma sucinta, o pensamento antagônico do pensador em relação à filosofia cristã.

## 2. A Alemanha do século XIX

A Alemanha unificada do século XIX (1871) é totalmente oposta à Alemanha resultante do período protestante do século XVI. A primeira trouxe em cena uma mudança política, social e econômica extremamente significativa. A industrialização tardia e a incessante busca pela cultura greco-romana clássica provocaram interiormente na Alemanha o surgimento de algumas novas classes sociais e, definitivamente, a corrupção da formação cultural do indivíduo, enquanto que a Alemanha pós-protestantismo trazia consigo o patriarcalismo, o individualismo e uma forte hierarquização social. O século XIX incumbiu-se de formalizar um país heterogêneo e esfacelado, criando uma forma nacionalista e ufanista para reconstruir a Alemanha.

Essa disjunção política e cultural foi o principal fator que posteriormente deu origem ao pensamento do grande filósofo filologista Friedrich Wilhelm Nietzsche. Suas idéias e colocações que, muitas vezes, se contradizem, são frutos do período mencionado. Ou seja, todas as mudanças radicais ocorridas na Alemanha refletem diretamente na visão do filósofo, mostrando todo o seu antagonismo.

As retomadas e rupturas evidenciadas em Nietzsche não nos fazem entendê-lo simplesmente, mas nos trazem a possibilidade de visualizar o mundo como ele, provocando em nós uma eterna busca genealógica para melhor compreender as tradições morais que hoje nos cercam.

## 3. Nietzsche e o Cristianismo

O termo Cristianismo vem da palavra *Cristo*, que significa Messias (pessoa sagrada, ungida). Constitui uma religião monoteísta, centrada na vida e nos ensinamentos de Jesus de Nazaré, tais como são apresentados por meio do Novo Testamento Bíblico. A religião cristã baseia-se na crença de que todo ser humano é eterno, a exemplo de Cristo, que ressuscitou após a sua morte. Segundo o Cristianismo, a vida presente é uma passagem para uma vida eterna, na qual todos os cristãos reinarão com o próprio Jesus Cristo. A fé cristã acredita essencialmente em Jesus como o Cristo, Filho de Deus e Salvador.

O Cristianismo iniciou-se como uma seita judaica e, como tal, da mesma maneira que o próprio judaísmo ou o islamismo, é classificada como uma religião abraâmica. Originária no Mediterrâneo Oriental, rapidamente se expandiu no que tange à sua in-

fluência e abrangência, ao longo de poucas décadas, sendo inclusive a religião dominante no Império Romano no século IV. Durante a Idade Média, a maior parte da Europa foi cristianizada. Após a Era das Descobertas, por meio do trabalho missionário e da colonização, o Cristianismo espalhou-se para as Américas e também pelo resto do mundo.

Podemos afirmar que o Cristianismo desempenhou, pelo menos desde o século IV, um papel de destaque na formação da civilização ocidental. A primeira nação a adotar o Cristianismo como religião oficial foi a Armênia, em 301.

Um ponto crucial para se entender o Cristianismo é a centralidade da figura de Jesus Cristo. Dentre os ensinamentos morais de Jesus mais reconhecidos pelos cristãos, podemos destacar o amor a Deus e o amor ao próximo, algo originário dos dez mandamentos, tendo em vista que os desejos do próprio Deus personificam-se em Cristo Jesus (*Mateus 22, 36-40*):

Mestre, qual é o grande mandamento na lei?/ E Jesus disse-lhe: Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento./ Este é o primeiro e grande mandamento./ E o segundo, semelhantemente a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo./ Destes dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas (*Mateus 22, 36-40*)

Os seguidores da fé cristã acreditam que Jesus é o Messias profetizado na Bíblia hebraica (parte comum ao Cristianismo e ao Judaísmo, conhecida como Antigo Testamento): “Portanto o mesmo Senhor vos dará um sinal: Eis que a virgem conceberá, e dará à luz um filho, e chamará o seu nome Emanuel” (*Isaias 7, 14*).

A fundação da doutrina cristã foi manifestada no início do Cristianismo pelos credos ecumênicos, que contém doutrinas que são aceitas pela maioria dos seguidores da fé cristã. Essas profissões de fé afirmam que Jesus sofreu, morreu crucificado, foi sepultado e ressuscitou três dias depois dentre os mortos, com o intuito de fazer com que o céu esteja disponível para aqueles que acreditam e confiam nEle para a remissão dos seus pecados (*Mateus 21, 1-7*):

E no fim do sábado quando já despontava o primeiro dia da semana, Maria Madalena e a outra Maria foram ver o sepulcro./ E eis que houvera um grande terremoto, porque um anjo do Senhor, descendo dos céu, chegou, removendo a pedra da porta e sentou-se sobre ela./ E o seu aspecto era como um relâmpago, e as suas vestes brancas como neve./ E os guardas, com medo dele, ficaram muito assombrados, e como mortos./ Mas o anjo, respondendo, disse às mulheres: Não tendes medo; pois eu sei que buscais a Jesus, que foi crucificado./ Ele não está aqui, porque já ressuscitou, como havia dito. Vinde, vede o lugar onde o Senhor jazia./ Ide, pois, imediatamente, e dizei aos seus discípulos que já ressuscitou dentre os mortos. E eis que ele vai adiante de vós para a Galiléia; ali o vereis. Eis que eu vo-lo tenho dito.

Para os cristãos, Jesus de Nazaré é considerado o modelo de uma vida virtuosa, plena e exemplar. A maioria das denominações cristãs ensina que Jesus voltará para julgar os seres humanos, vivos e mortos, concedendo a vida eterna aos seus seguidores. É válido ressaltar que, de acordo com a Bíblia, a única maneira de alcançar a Salvação é valorizando a obra da cruz feita por Jesus Cristo, que os cristãos acreditam ser o filho de Deus. Esse fato concretiza aquilo que os seguidores do Cristianismo relatam como expiação. O Cristianismo reconhece ainda Jesus como o Filho de Deus que veio à Terra para libertar os seres humanos do pecado, por meio da sua morte na cruz e de sua ressurreição.

O Evangelho segundo São João, no capítulo III, versículo XVI, evidencia o amor de Deus aos homens: “Deus amou o mundo de tal maneira que enviou seu único Filho, para todo aquele que Nele crê, não pereça, mas tenha vida eterna”.

Para a maioria dos cristãos, Jesus é completamente divino e completamente humano (*Filipenses 2, 1-8*):

Portanto, se há algum confronto em Cristo, se alguma consolação de amor, se alguma comunhão do Espírito, se alguns entranháveis afetos e paixões,/ Completai o meu gozo, para que sintais o mesmo, tendo o mesmo amor, o mesmo ânimo, sentindo uma mesma coisa./ Nada *façais* por contenda ou por vanglória, mas por humildade; cada um considere os outros superiores a si mesmo./ Não atente cada um para o que é propriamente seu, mas cada qual também para o que é dos outros./ De sorte que haja em vós o mesmo sentimento que *houve* também em Cristo Jesus./ Que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus,/ Mas esvaziou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens;/ E, achando na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte, e morte de cruz.

Há, entretanto, uma discussão recorrente sobre a divindade de Jesus. Aqueles que questionam a divindade de Cristo afirmam que Ele jamais teria dito isso expressamente. Os que defendem a divindade de Cristo, por sua vez, analisam versículos que deixariam clara sua condição divina.

Quanto à visão de determinadas religiões cristãs acerca da vida após a morte, essa visão envolve, de uma maneira geral, a crença em duas instâncias: no céu (João, cap. 13, v. 36): “Disse-lhe Simão Pedro: Senhor, para onde vais? Jesus lhe respondeu: Para onde eu vou não podes agora seguir-me, mas depois me seguirás”, e no inferno (*Mateus 25, 41*): “Então dirá também aos que estiverem à sua esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e os seus anjos”.

De acordo com Scarlett Marton,

Denomina-se Cristianismo a religião da compaixão. A compaixão está em oposição às emoções tônicas, que elevam a energia do sentimento vital: tem efeito depressivo, perde-se força, quando se compadece. Com a compaixão aumenta e multiplica-se ainda o desgaste de força, que já em si o padecimento traz à vida. O padecer mesmo se torna, com a paixão, contagioso; em certas circunstâncias, com ela, pode ser alcançado um total de desgaste de vida e de energia vital, que fica em uma proporção absurda com o

quantum da causa (o caso da morte do Nazareno). Esse é o primeiro ponto de vista; mas há ainda um mais importante. Suposto que se meça a compaixão, segundo o valor das reações que costuma produzir, seu caráter perigoso para a vida aparece em uma luz ainda muito mais clara. A compaixão, em toda extensão, cruza a lei do desenvolvimento, que é a lei da seleção. Conserva o que está maduro para sucumbir, arma-se em favor dos deserdados e condenados da vida e, pela multidão de malogrados de toda espécie que mantém firmes na vida, dá à vida mesma um aspecto sombrio e problemático. Ousou-se denominar a compaixão uma virtude (em toda moral nobre ela vale como fraqueza); foi-se mais longe, fez-se dela a virtude, o chão e origem de todas as virtudes – só que, sem dúvida, e isso é preciso ter sempre em vista, do ponto de vista de uma filosofia que era niilista, que inscrevia a negação da vida sobre seu escudo [...] (MARTON, 1993, p. 102-103).

Para Nietzsche, o Cristianismo despedaçou o homem completamente, mergulhando-o em um lodaçal profundo, provocando no ser humano um excesso doentio de sentimento, uma “profunda corrupção da cabeça e do coração” (NIETZSCHE, 2007, p. 104).

O ataque direto que Nietzsche firmou contra o Cristianismo atingiu o ápice na obra “O Anticristo”, mas foi inicialmente exposto em “A Genealogia da Moral”. O filósofo afirmava que a ética cristã era uma moral de povos escravos, fracos e vis, por meio dos quais se sobrepunha um Cristianismo originário do espírito dominante e senhorial dos aristocratas.

De acordo com Nietzsche, a origem desse processo remontava aos tempos da Palestina ocupada pela raça romana (de senhores). Segundo o filósofo, o Cristianismo poderia ser comparado a uma doença maligna que havia atacado o Império Romano. Os judeus purificaram um discurso que, segundo Nietzsche, provocou uma inversão de valores morais. A difusão da igreja primitiva, no primeiro século da era cristã, proporcionou ao mundo a desqualificação do homem da compaixão e piedade que, de acordo com o referido autor, inseriu no cerne da raça humana a vergonha, capaz de retrain e emitir os instintos do homem, tornando-o um mero reprodutor da vontade divina.

Ainda segundo Nietzsche, a fé é intitulada como algo de pouco valor, sendo o cristão uma figura lamentável, dotada de um extravio da razão e da imaginação. A ética instituída pelo Cristianismo é percebida como uma moral de povos escravizados e dementes, que obedecem a uma religião que promete muito e cumpre pouco.

Ao contrário do que alguns pensam, Nietzsche não tece uma declaração de repulsa ao Evangelho, mas, sim, ao fato de a felicidade real desta vida ser substituída por uma felicidade prometida para uma outra vida.

Segundo Nietzsche, somente Jesus viveu de forma intensa ao que pregou, sendo capaz de pagar com vida a emancipação de um povo que ainda estava por vir, colocando em questionamento toda a plenitude filosófica apresentada por este até então.

Quanto à passagem bíblica do Evangelho Segundo João, cap. 14, v. 06 – “Disse-lhe Jesus: Eu sou o caminho, e a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim” –, Nietzsche tece-lhe severas críticas pelo fato de o Cristianismo determinar a

existência de somente um caminho para a humanidade.

No cap. I, v. 11 e 12, da Epístola do Apóstolo São Paulo aos Gálatas, na Bíblia, lemos: “Mas faço-vos saber, irmãos, que o evangelho que por mim foi anunciado não é segundo os homens./ Porque não o recebi, nem aprendi de homem algum, mas pela revelação de Jesus Cristo”. Sobre tal passagem, Nietzsche critica o fato de como um sistema não criado pelo ser humano pode permanecer por muito tempo.

Na Bíblia, na Segunda Epístola do Apóstolo São Paulo a Timóteo, cap. 4, v. 1, há a seguinte afirmação: “Conjuro-te, pois diante de Deus e do Senhor Jesus Cristo, que há de julgar os vivos e os mortos, na sua vinda e *no* seu reino”. Nietzsche questiona essa passagem, afirmando que Deus, por ser um ente sobrenatural, não tem direito de interferir no mundo físico.

Podemos citar ainda que o filósofo afirmava que as propostas do Evangelho não eram mais as mesmas após a crucificação de Jesus. O apóstolo Paulo seria um dos principais falsários dessas propostas. A seguinte passagem provoca em Nietzsche uma ira, tendo em vista que Paulo evidencia que por meio de Jesus Cristo pode contemplar o trono de Deus (II Coríntios, cap. 12, v. 1-4):

Em verdade que não convém gloriar-me; mas passarei às visões e revelações do Senhor./ Conheço um homem em Cristo que há catorze anos (se no corpo, não sei, se fora do corpo, não sei; Deus o sabe) foi arrebatado no terceiro céu./ E sei que o tal homem/ Foi arrebatado ao paraíso; e ouviu palavras inefáveis, que ao homem não é lícito falar.

Ainda para Nietzsche, o Cristianismo promete muito, mas cumpre pouco os seus propósitos, sendo considerado também uma anti-filosofia de vida: “O cristianismo, a religião formada da negação da vontade de viver...” (NIETZSCHE, 1957, p. 140).

Nietzsche argumenta ainda que o Cristianismo desfocalizou o centro da vida, gerando um niilismo (2001, p. 43):

A grande mentira da imortalidade pessoal destrói toda razão, toda natureza que há no instinto – tudo que é benefício nos instintos, que propicia a vida, que garante futuro, desperta agora desconfiança. Viver de tal modo, que não tem mais nenhum sentido viver, esse se torna agora o “sentido” da vida...

Deus, nessa concepção, é visto como um ente confuso e imperfeito quanto às suas criações, além de ser velho e frágil. Após sua debilidade, na teoria de Nietzsche, Deus morre asfixiado. A partir da morte de Deus, todos os valores criados com a sua existência também morrem. Assim, a morte de Deus simboliza a liberdade e a emancipação do homem.

Assim, a racionalidade e o existencialismo apresentados por Nietzsche recriam o conceito de homem. A Grécia Clássica considerava o Homem superior ao Humano, pois Homem é aquele que possui a reflexão no intuito de contemplar a vida.

Ainda segundo Scarlett Marton (1993), a filosofia nietzschiana proporcionou à



posteridade a capacidade de reflexão que critica tudo e todos, chamando-nos para um mundo interior que, definitivamente, nos faça crescer em espírito e que desenvolva em nós a dualidade, a possibilidade de escolha na sua plenitude, ou seja, o conhecimento da luz e do trágico, algo totalmente assassinado por Sócrates, o qual, segundo Nietzsche, finaliza a era filosófica Dionisíaca, trazendo ao mundo uma mera explicação Apolínea sobre a formação da vida humana.

### 3. Considerações finais

Scarlett Marton (1991) afirma que pensadores, literatos, jornalistas e políticos têm em Nietzsche um ponto de referência, seja atacando ou defendendo sua obra, seja reivindicando ou exorcizando suas ideias.

Dessa forma, de modo sucinto, porém consistente, foram expostas algumas concepções de Nietzsche, no que tange ao Cristianismo, bem como em relação aos valores morais impostos por este. Podemos afirmar ainda que a filosofia não pode mais deixar de levar em conta o projeto filosófico de Nietzsche, colocando em xeque toda mudança estrutural em relação à filosofia do século XIX.

A incoerência sistemática e o antagonismo religiosos fazem de Nietzsche um pensador singular que influenciou, de forma significativa, uma pluralidade de intelectuais, passando por antissemitas até os anarquistas. No Brasil, o pensamento de Nietzsche foi introduzido a partir de 1946, com o ensaio publicado no *Diário de São Paulo* pelo crítico literário Antônio Cândido de Mello e Souza, o qual se empenhou para desmistificar os preconceitos propagados, sobretudo, nos meios feministas e movimentos de esquerda.

Em suma, Nietzsche foi provedor de uma filosofia capaz de indagar os alicerces do pensamento ocidental, trazendo à tona uma postura assistemática, porém instigante, no que tange à compreensão do Cosmos sob a luz da genealogia, resgatando o mundo sob a ótica dionisíaca, ou seja, segundo o autor, tanto Apolo quanto Dionísio são preponderantes, pois o diálogo entre estes insere no pensamento ocidental a subjetividade.

### 4. Referências

*BÍBLIA Sagrada*. Rio de Janeiro: [S. M.], 1972.

*BÍBLIA Sagrada*. São Paulo: ICP Editora, 2000.

MARTON, Scarlett. *Nietzsche: a transvaloração dos valores*. São Paulo: Moderna, 1993.

\_\_\_\_\_. *Nietzsche: uma filosofia a marteladas*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A Genealogia da Moral*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. 179 p.

\_\_\_\_\_. *Ecce Homo: Como se Chega a Ser o que Se é*. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1957.

\_\_\_\_\_. *Humano, demasiadamente Humano*. Tradução de Antônio Carlos Braga. 2. ed. São Paulo: Escala, 2007. 304 p.

\_\_\_\_\_. *O Anticristo*. São Paulo: Martin Claret, 2001. 112 p.

RESENDE, Antônio. *Curso de Filosofia*. 6 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1996.

STERN, J. P. *As idéias de Nietzsche*. Tradução de Octávio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 1978. 102 p.